



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES E TECNOLOGIAS

Ana Nery Francelino de Brito

UM OLHAR SOBRE O FEMININO NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

Recife

2019

Ana Nery Francelino de Brito

UM OLHAR SOBRE O FEMININO NAS ARTES VISUAIS CONTEMPORÂNEAS

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes e Tecnologias.

Orientadora: Ms. Adriana Martins Ianino.

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

B862o Brito, Ana Nery Francelino de
Um olhar sobre o feminino nas artes visuais contemporâneas /
Ana Nery Francelino de Brito. – 2019.
55 f. : il.

Orientadora: Adriana Martins Ianino.
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-
Graduação em Artes e Tecnologia, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências e apêndice(s).

1. Mulheres 2. Imagem corporal na arte 3. Artes 4. Internet e
mulheres 5. Identidade de gênero no teatro 6. Identidade de gênero
no cinema I. Ianino, Adriana Martins, orient. II. Título

CDD 707

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, aos meus filhos, a meu pai (*in memoriam*) a minha sobrinha amada e a todos que me deram força nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não estaria nesse plano astral

Ao Meu Pai, Paulo Xavier de Brito (In Memoriam), por escolher meu nome, me amar e me compreender

A meus filhos Nely Vitória e Matheus Vinícius por me amarem além do infinito

A minha mãe Ivanete, filha de Olívia e José

A minha vó Olivia sempre, por determinar minha trajetória

A minha Sobrinha Diameiry, que tem me ensinado a amar todos os dias

Ao amigo e parceiro Senir, por me permitir sonhar e chegar nas nuvens do saber

Aos amigos de trabalho, por me impulsionarem a qualificação sempre

A Dona Maria dos Prazeres, por sempre colaborar na pesquisa com seu vasto repertório

As minhas coleguinhas Ângela e Marinilza pela vivência

Aos parceiros Jesuila, Tiago, Bruno, Jam e Jailson por tornar os encontros presenciais desta pós um dia muito mais descontraído e repleto de conhecimentos

A minha orientadora pela dedicação na escolha ideal deste trabalho, pelas correções e presteza com que se dedicou a minha pesquisa

E por fim, agradeço as sonhadoras, artistas, feministas, mães, mulheres desse planeta!

Era uma vez,
O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto
Das nuvens serem feitas de algodão
Dava pra ser herói
No mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche, um banho
quente
E talvez um arranhão

Dava pra ver
A ingenuidade e a inocência cantando no
tom
Milhões de mundos e universos tão reais
Quanto à nossa imaginação
Bastava um colo, um carinho
E o remédio era beijo e proteção
Tudo voltava a ser novo no outro dia
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer
E quando cresce quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver
Mesmo depois de descobrir que o mundo
ficou mau
É só não permitir que a maldade do
mundo
Te pareça normal
Pra não perder a magia de acreditar
Na felicidade real
E entender que ela mora no caminho
E não no final

É que a gente quer crescer
E quando cresce quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez...

Kell Smith

RESUMO

O universo da comunicação vem sofrendo mudanças radicais desde a invenção da fotografia, e das novas mídias. O Instagram vem impulsionando novas formas de fotografar, e nos possibilita a uma nova conversação imagética, e novos sentidos. Esta pesquisa teve como objetivo, realizar uma análise sobre as mudanças da narrativa do corpo feminino nas artes visuais ao longo da história, e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística. Para isso, comparamos as nuances acerca das mudanças da narrativa visual na utilização do corpo feminino como sujeito na arte do século XX, realizando um recorte em forma digital, passeando sobre a pintura e fotografia. Além disso, exploramos o uso das novas mídias para expressar e produzir imagens, como o uso do aplicativo Instagram. Dessa forma, foram analisadas duas imagens que expressam o corpo feminino; sendo a primeira imagem analisada, a da artista mexicana Frida Khalo, com o seu autorretrato com cabelos cortados, produzido no ano de 1940. A segunda imagem é um autorretrato em fotografia da artista norte-americana Cindy Sherman, intitulada de Untitled Film Still # 6; uma obra do ano de 1977. A análise dos dados mostrou que este dispositivo pode ser utilizado como desencadeador para a construção de sentido na produção de imagens dessa mulher contemporânea, dispensando o uso de palavras para o compartilhamento desses registros efêmeros através do uso do aplicativo na internet.

Palavras-chave: Arte; imagem; mulher; Instagram; construção de sentido; gênero.

ABSTRACT

The universe of communication has undergone radical changes since the invention of photography, and new media. The Instagram has been pushing new forms of photography, and it enables us to a new imaginative conversation and new senses. The purpose of this research was to analyze the changes in the female body narrative in the visual arts throughout history and how our body can be used as an artistic expression. On this study, we compared the nuances about the changes of the visual narrative in the use of the female body as a subject in the art of the twentieth century, performing a cut in digital form, painting and photography. In addition, we explore the use of the new media to express and produce images, such as using the Instagram application. Thus, two images that express the female body were analyzed; the first one was of the Mexican artist Frida Khalo, her self-portrait with short hair, produced in the year 1940. The second image is a self-portrait of the American artist Cindy Sherman, titled *Untitled Film Still # 6*; work of the year of 1977. Data analysis showed that the new media, such as Instagram, can be used as a trigger for the construction of meaning in the production of images of the contemporary woman, dispensing with the use of words to share these ephemeral records through the use of the application on the internet.

Keywords: Art; Image; woman; Instagram; meaning construction; genre.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1: Olympia, 1863.</i>	16
Figura 2: Cartaz Guerrilha Girls para a exposição de 2017 no MASP – São Paulo.	18
Figura 3: Paula Modersohn-Becker. Autorretrato no 6º Aniversário de casamento. 1906.	20
Figura 4: Four Marilys (1964).	21
Figura 5: Autorretrato da Grã- duquesa Anastasia Nikolaevna. 1914.	24
Figura 6: Autorretrato Diane Arbus (1945).	26
Figura 7: Página para realização de login no Instagram.	32
Figura 8: Template do Instagram com o filtro de busca pela hashtag selfie.	33
Figura 9: Selfie	35
Figura 10: Autorretrato com cabelos cortados. 1940	39
Figura 11: untitled-film-still #06-1977.	41
Figura 12: Evolução da Narrativa feminina nas artes visuais contemporâneas	44
Figura 13: Olympia Contemporânea	50

SUMÁRIO

1 introdução.....	12
2 AS MUDANÇAS DA NARRATIVA VISUAL DO FEMININO NA ARTE.	14
2.1 Autorretratos Na Arte	19
2.2 Do retrato ao Autorretrato na Fotografia	22
2.3 A Evolução da representação da Mulher Contemporânea com o Advento da Internet 26	
2.4 Dispositivos Móveis Conectados	27
2.5 Ciberespaço.....	28
2.6 Redes Sociais	29
2.7 O Instagram.....	30
2.8 As hashtags	32
2.9 As Narrativas do corpo feminino no Instagram	34
2.10 Os signos fotográficos digitais.....	36
3 ANÁLISE DAS IMAGENS	37
3.1 Autorretrato com cabelos cortados – Frida Kahlo (1940).	38
3.2 Autorretrato Cindy Sherman - untitled-film-still #06.....	40
3.3 Síntese Da Representação Feminina Na Arte	43
3.4 Storytelling.....	44
4 METODOLOGIA	45
5 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS	48
APÊNDICE A – STORYTELLING.....	55

APRESENTAÇÃO

Durante a jornada acadêmica desta especialização, busquei os temas e sobre qual objeto dissertar para que pudesse então finalmente concluir esta etapa de aprendizagem e reflexão. Esta buscalevou-me ao encontro com a imagem feminina na arte, e seus caminhos, até abraçar a tecnologia.

Inicialmente, houve um enfoque específico no desenvolvimento sobre arte feminina, no entanto era preciso agregar a tecnologia a este trabalho. Surgiu-me então, a ideia de agregar a arte feminina a um tema atual e propício para a globalização dessa arte, antes vista apenas em galerias de arte e museus. Dessa forma, através da ferramenta do aplicativo *Instagram*¹, esta pesquisa tomou um novo direcionamento, e de forma colaborativa com a orientadora, pensamos em algo a agregar nas diversas mudanças da narrativa visual de produção e consumo da arte, na era da comunicação e para um público cada vez mais conectado.

Dois eventos foram especialmente decisivos para a escolha que me levou ao presente trabalho. O primeiro impulso teve origem na pesquisa da minha graduação em fotografia, quando do meu envolvimento com o tema *Pin'ups*. Na época, compreendi que as imagens do corpo feminino narravam essencialmente através do apelo visual uma história produzida a partir da ótica masculina, e que na atualidade pouca coisa mudou, motivação pela qual estamos em constante luta para que possamos nos posicionar e ressignificar o corpo a nosso favor, sob nossa ótica. O segundo impulso foi definitivo na decisão de prosseguir a pesquisa. Deu-se durante os questionamentos sobre como nosso corpo é utilizado na arte pós-moderna, quando fiquei fortemente impressionada como o Instagram impulsiona uma nova linguagem para este corpo, confirmando a ideia de que a arte se movimenta sobre suas linguagens num prosseguimento diacrônico²

¹Instagram é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente se trata de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos. Assunto que mais explorado a diante. Fonte: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-instagram/>. Acesso em: 25/06/2019.

² Diacrônico – Adjetivo que estuda ou entende uma situação, ou reunião de fatos, de acordo com a sua evolução no tempo. Fonte: <https://www.dicio.com.br/diacronico/>. Acesso em: 25/06/2019.

1 INTRODUÇÃO

O universo da comunicação vem sofrendo mudanças radicais desde a invenção da fotografia, e das novas mídias. O Instagram vem impulsionando novas formas de fotografar, e nos possibilita a uma nova *conversaçoão imagética*³, e novos sentidos. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo a análise sobre as mudanças da narrativa do corpo feminino nas artes visuais ao longo da história, e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística. Para isso, comparamos as nuances acerca das mudanças da narrativa visual na utilização do corpo feminino como sujeito na arte do século XX, passeando sobre a pintura e fotografia. E como utilizamos as novas mídias para expressar e produzir imagens com o uso do Instagram. Para tal, analisamos duas imagens que expressam bem o corpo feminino e são veiculadas pelo aplicativo Instagram, cujo veículo na atualidade é utilizado como dispositivo desencadeador para a construção de sentido na produção de imagens dessa mulher contemporânea, deixando de ser objeto contemplativo dos museus, para produtora de arte com a ajuda da rede social do Instagram como galeria de arte para este corpo. Como um acréscimo desta pesquisa, será realizado um recorte em forma de storytelling digital.

No segundo capítulo apresentamos neste trabalho, as considerações dos autores Almeida (p.56;58); Loponte (2002); Foucault (2006); Pollock (2011); Duby e Perrot (1999); Wark (2006); Rebel (2009); Gay (2009); Mauad (1995); Kubrusly (1991); Persichetti (2013); Kossoy (2001); Kossoy (2007), Sena (2010), Wanderley (2006) divididos em subcapítulos sobre as mudanças da narrativa visual do feminino, a história dos autorretratos na arte e dos retratos e autorretratos na fotografia. Discorreremos sobre a transformação da narrativa do corpo feminino na pós-modernidade, graças ao advento da internet, dispositivos móveis conectados, ciberespaço e redes sociais, segundo autores como: Castells (2003); Costella (2002); Recuero (2009); Levy (1999); Lemos (2009); Sibilia (2008); Brandão (2005); Hall (1992). Narraremos sobre a mudança visual das mulheres com a popularização do aplicativo do Instagram, com relação a utilização excessiva desta rede social e as implicações no tocante a massiva produção e compartilhamento das *selfies*: Nesta linha, buscamos compreender a importância sobre o estudo dos autorretratos clássicos com a febre da *selfie* da atualidade, segundo pesquisas dos autores: Castro (2007); Piza (2012).

³ Considera-se, portanto que a imagem configura-se um dos meios mais utilizados de informação, de comunicar algo, desde os longínquos períodos das cavernas
.Fonte:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/dissertacao/noticia_virt.pdf Acesso em: 25/06/2019.

No terceiro capítulo fizemos uma análise de duas imagens circulantes no aplicativo do Instagram, embora de períodos artísticos distintos, utilizam-se de suporte iguais para a sua mundialização através da rede mundial de computadores e do aplicativo Instagram. A primeira imagem, é a da artista mexicana Frida Kahlo, com o seu autorretrato com cabelos cortados, produzido no ano de 1940, no retrato, Frida faz uma renúncia ao feminino, e se apresenta com um traje masculino. A segunda imagem é um autorretrato em fotografia, da artista norte americana Cindy Sherman, famosa por suas representações de si. Na imagem escolhida para análise intitulada de *Untitled Film Still # 6*, uma obra do ano de 1977, a artista faz alusão a exposição do corpo feminino dentro de uma realidade ficcional.

Também apresentaremos uma síntese da narrativa através de uma imagem em formato linha do tempo, utilizando o conceito de RGS⁴ abordado por (PADOVANI & PECE, 2006, P.188). Também neste capítulo, traremos o conceito sobre o *Storytelling* que foi proposto para este trabalho. No quarto capítulo apresentamos a metodologia utilizada quanto ao método qualitativo e sua natureza descritiva, e embasando essas escolhas com os autores: SEVERINO (2012. p. 129 a 132); (SAMPIERRE et al, 2013, p.102). No quinto e último capítulo, trouxemos as conclusões e perspectivas a respeito do assunto proposto neste trabalho acadêmico.

Esta pesquisa teve como objetivo a análise sobre as mudanças da narrativa do corpo feminino nas artes visuais ao longo da história, e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística. Para isso, comparamos as nuances acerca das mudanças da narrativa visual na utilização do corpo feminino como sujeito na arte do século XX, passando sobre a pintura e fotografia, e se houveram mudanças com a ajuda da tecnologia introduzida no cotidiano com a internet, e como utilizamos as novas mídias para expressar e produzir imagens com o uso do Instagram. Para tal, analisamos duas imagens que expressam bem o corpo feminino e são veiculadas pelo aplicativo Instagram, cujo veículo na atualidade é utilizado como dispositivo desencadeador para a construção de sentido na produção de imagens dessa mulher contemporânea.

Investigamos a exploração da imagem corporal do gênero feminino, enquanto expressão artística, através de instrumento tecnológico visual digital.

⁴ RGS - Representações Gráficas de Síntese (RGSs) podem ser definidas como artefatos visíveis bidimensionais estáticos criados com o objetivo de complementar a informação escrita em textos acadêmico-científicos (Padovani, 2012). Fonte: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/608>> Disponível em: 17/06/2019.

Realizamos levantamento bibliográfico, acerca do processo histórico do corpo feminino no campo das artes visuais, sobretudo no contexto contemporâneo, e identificamos o corpo feminino nas artes visuais e como este corpo tornou-se uma ferramenta imagética e artística, através do uso da tecnologia digital visual; mais especificamente do aplicativo “Instagram”; A partir das reflexões empíricas e teóricas deste estudo, foram comparadas as nuances acerca das mudanças da narrativa visual, na utilização do corpo feminino das galerias de arte para as galerias do Instagram, massivamente utilizada como uma plataforma de empoderamento desta mulher do século XXI.

2 AS MUDANÇAS DA NARRATIVA VISUAL DO FEMININO NA ARTE.

É preciso defender as mulheres, inclusive para libertar os homens do peso de oprimi-las.

Simone de Beauvoir.

Sempre tive referências marcantes femininas em minha vida. Quando criança, conheci a televisão e me encantei com o mundo mágico das imagens em movimento, mas apesar deste encantamento, minha melhor diversão era olhar os álbuns de família. Costumeiramente quando passava minhas férias escolares na casa das minhas tias paternas, era retratada por elas, descobri na fotografia a possibilidade de construir personagens, fazer caras e bocas; enfim, novas formas de registros de nossas ações e expressões.

A medida que eu adolescía, passei de objeto retratado para a fazedora de retratos de todos da minha família, especialmente da minha irmã e da minha avó. Munida de uma pequena câmera amadora com filme de 24 poses, retratava com todo o rolo de filme, e ficava na expectativa para ver como ficavam as fotos após a revelação, deixávamos o filme fotográfico e com dois dias íamos buscar as fotos reveladas e impressas em papel fotográfico, e como um diário de emoções, a família passeava o olhar nas fotografias, mais de uma vez, e se reconhecia, era uma interação social, momento de reunião, olhar os álbuns e os folhear e

recordar aquele dia, aquele momento a subjetividade da fotografia impressa tinha uma mística, que as redes sociais talvez não possuam.

Com o passar dos anos, desejei me profissionalizar na arte de registrar momentos únicos, foi então que eu escolhi Fotografia como graduação, uma oportunidade de possuir a técnica, e aprimorar o olhar no tocante a teoria e a prática. Na verdade, acredito que a fotografia me escolheu e não o inverso, como se eu tivesse um propósito maior na vida, mesmo que sem perceber, meus trabalhos desde então, envolvem retratos femininos, e meu portfólio como artista é prioritariamente o Instagram. Foi aí que a mágica aconteceu, eu já tinha o objeto desta pesquisa, mas para que pudesse desenvolver este trabalho, ainda faltava em qual aparato tecnológico eu desenvolveria este trabalho acadêmico, tudo para que atendesse o que se pede: agregar as artes e tecnologia, para narrar as mudanças nas artes visuais das mulheres na contemporaneidade.

Para darmos início a esta pesquisa, é preciso voltar no tempo para entendermos sobre como aconteceram as mudanças na narrativa do corpo feminino na arte e de como este corpo era visualizado pelos artistas, inicialmente como objetos a serem retratados, precisamente no século 20 e suas reverberações nas artes visuais, na pintura e fotografia. Destaco a importância de me reportar a séculos passados para contextualizar este capítulo.

Durante boa parte da nossa história, sempre nos reportamos ao homem como ser supremo, a eles eram dados o acesso à educação, a arte e tudo que antecede aos direitos sociais femininos. Na história ocidental. Sobre as mulheres é importante salientar que " boa parte dos documentos oficiais em menos de 2 séculos, foi escrita por homens. Eram os homens na sua maioria, que tinham acesso a ler e escrever". ALMEIDA (2010, p.56).

Com a constatação, a autora nos mostra uma definição dos papéis sociais das mulheres, cabia a elas, atividades femininas como o artesanato e cuidar do lar, aquelas poucas mulheres que sabia ler e escrever, cabia o ofício do magistério. Quase não haviam mulheres artistas, as frequentadoras das escolas de belas artes, eram as poucas que tinham privilégios, e a elas cabiam retratar seu cotidiano ou retratos.

Loponte (2002) aponta que: "A chamada história universal da arte é uma história particular, que sistematicamente vem privilegiando um determinado modo de ver como único possível" LOPONTE (2002, p. 286).

A confirmação de Loponte (2002) sobre o processo de educação feminina versa o olhar colonialista masculino, e compreender sobre o poder do ponto de vista biológico do homem

sobre a mulher, da legislação favorável a eles num determinado recorte da história ocidental, que visava a obediência e submissão das mulheres aos homens, muitas vezes por serem na sua maioria analfabetas, ou educadas para tal. Foucault conceitua sobre este tema e confirma este pensamento quando diz que: “[...] ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos [...]” (FOUCAULT, 2016, p.235).

Pollock (2011) versa em seus estudos sobre "a modernidade e seus espaços de feminilidade" que os grandes cânones da arte moderna são todos homens. Toda arte moderna produzida neste período seria então representações de sua visualização do mundo e mais precisamente sua visualização do corpo feminino. As discussões sobre como o corpo feminino fora retratado na arte como objeto *hipersexualizado* e explorado como musas, é um ponto relevante nas obras de diversos cânones da arte, exemplo disso é a obra *Olympia* do pintor Édouard Manet⁵.

Figura 1: Olympia, 1863.



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/olympia-edouard-manet/>.

Os corpos femininos são temas recorrentes na arte pela ótica masculina. Segundo Almeida “cabia o papel de protagonista, autor, domínio da ação, colecionador, espectador ou compradores de objetos artísticos ao homem”. ALMEIDA (2010, p. 56), conclui que seja

⁵Édouard Manet (1832-1883) foi um pintor francês do século XIX. Muitas vezes relacionado aos impressionistas, produziu telas com um estilo marcante, com o uso de novos temas e novas técnicas que desafiaram a sociedade da época. Olympia de 1863 é uma de suas muitas obras consagradas. Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/olympia-edouard-manet/>. Acesso em: 20/04/2019.

frutode uma sociedade patriarcal, onde a nósmulheres, cabiam sermos retratadas, objetificadas e sexualizadas. Muito embora a obra de Manet tenha sido rechaçada nos salões de arte de Paris no período da sua exposição por fugir completamente das referências de arte renascentista, ela foi de suma importância para a arte modernista e pós-moderna. A nudez só era aceitável, desde que o contexto fosse suficientemente elevado, não era o caso de Olympia, e por este motivo chocou os artistas, críticos de arte, e colecionadoresno ano de 1865, e uma cortesã deitada nua numa cama tinha a realidade fria e prosaica para a época. A arte sobre a ótica masculina seria certamente o espelho do contexto social e cultural que necessitou uma grande desconstrução que o século posterior foi solo fértil, com o surgimento das novas tecnologias, e posicionamento.

No século 20 tivemos grandes avanços na forma e no sentido da arte “foi certamente o momento pela qual as mulheres tiveram oportunidades, de gradualmente mudar essa situação” ALMEIDA (2010, p.58). De fato, o século XXfoi período que revolucionou o modo de comportamento, de toda uma geração X⁶, quenotoriamente sofreu ganhos no campo intelectual, de trabalho e artístico, abrindo novos horizontes principalmente para as mulheres deste período. A atitude das mulheres mudou, e isto foi determinante e notório no cotidiano, impactando nas artes visuais emergentes, graças a pioneiras das lutas sociais e a sonoridade reverberada neste século importante para as artes e tecnologias. Sobre esses ganhos, DUBY e PERROT relata:

Apesar das resistências, três fenômenos se conjugam para favorecer esta participação. Em primeiro lugar, as lutas feministas travadas desde o final do século XIX. Pela igualdade de estudos e de diplomas, conseguem êxitos evidentes. Depois, a evolução das técnicas, o crescimento do público amador e o aumento dos tempos livres conduzem, a partir dos anos cinquenta, uma difusão maciça das obras de arte. Por fim, as novas estruturas da produção. Cultural, que dão origem, em particular, a um salário importante permitem às mulheres conquistar uma maior autonomia e visibilidade social. Elas são, assim, cada vez mais numerosas nas profissões intelectuais e artísticas, com uma aceleração sensível na segunda metade do século. (DUBY E PERROT, 1990, p.351).

Contudo as grandes questões dos movimentos feministas dos anos 70 sublinha sobre a ferramenta de fuga do corpo sexualidade e *objetificado*⁷, nos anos 80 a liberação sexual como opção da mulher, serviu para discutir outro tipo de prisão o da mulher recatada. De acordo com Wark (2006), o corpo é, dentro desse escopo de arte, uma presença constante: seja

⁶Conhecida como Gen X, essa geração inclui a população nascida no início de 1960 até o final dos anos 70, mas também podem ser considerados como "X" os nascidos no início dos anos 80, no máximo até o ano de 1982.

⁷ Objetificação é o Processo que atribui ao ser humano a natureza de um objeto material, tratando-o como um objeto ou coisa. Fonte: <https://www.dicio.com.br/objetificacao/> Acesso em: 25.06/2019.

defendido, seja afastado, seja explícito, seja utópico, seja realista. O corpo colocado como pessoa, é veículo de autoafirmação, virando um corpo político, corpo crítico e vitrine. O mundo mudou e junto com a benesse da tecnologia e novas mídias, novas câmaras digitais impulsionando esse imediatismo, em conjunto com a *tecnologia móvel*⁸, fez com que mudasse também o nosso modo de consumir arte, e as galerias de arte e museus também precisaram pensar em tecnologia e criatividade artística para permanecerem sendo o ponto alto do criador e criadora de arte. Os curadores de arte também tiveram que repensar suas seleções.

Em meio a grandes acontecimentos no mundo da arte e a chegada de novas tecnologias, surge nos Estados Unidos nos anos 80, um grupo de artistas femininas, com cabeças de gorilas e utilizando do humor para denunciar atitudes ultrajantes sobre questões de gênero e vícios étnicos e políticos, sempre no anonimato das máscaras. Essas mulheres deram um pontapé para as discussões sobre arte feminina após a percepção de um número pífio de representantes femininas nas galerias e museus, e sobre a condição da exposição do corpo nu ser uma prerrogativa para o sentimento de estar presente. Este movimento social ocorreu inicialmente em New York e posteriormente universalizando sua ideologia pelo mundo, que mesmo embora houvesse chegado a uma era pós-moderna, ainda tomava para si um conceito renascentista e masculino da arte pura, a figura (2) é um cartaz que expõe sobre a principal questão do movimento das Guerrilha Girls, em uma recente exposição no MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – São Paulo.

Figura 2: cartaz Guerrilha Girls para a exposição de 2017 no MASP – São Paulo.



Fonte: <https://www.ufrgs.br/arteversa/?p=1163>.

⁸ Tecnologia mobile é toda tecnologia que permite seu uso durante a movimentação do usuário é uma tecnologia móvel. A tecnologia móvel não é apenas uma invenção, ela pode ser considerada uma revolução, pois foi capaz de atingir o cotidiano das pessoas e fazer parte da vida delas, modificando suas rotinas e formas de tomar decisões. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_m%C3%B3vel Acesso em: 25/06/2019.

2.1 AUTORRETRATOS NA ARTE

Para compreender o uso do Instagram como ferramenta para dar sentido a produção massiva de autorretratos na *web*⁹ na atualidade, é preciso voltar na história, fazendo um recorte para a contextualização sobre a perspectiva artística dos autorretratos. Sabe-se que a história dos autorretratos começa com as artes clássicas na antiguidade e segue até a atualidade com as *selfies*. Neste primeiro momento, analisaremos os autorretratos em forma de pintura. Depois os autorretratos fotográficos, assim como a invenção e história da fotografia. Tanto as pinturas quanto as *selfies* são imagens em plano bidimensional, e contém uma relação entre plano de fundo e personagens pintados ou fotografados, criando juntos a representação desejada de cada um.

O autor Ernest Rebel (2009) estuda a relação entre o fascínio e o questionamento sobre a individualidade, vindos do mundo da arte “os autorretratos são testemunhos em que o ego das artistas com o seu modelo e motivo se relaciona simultaneamente com outras pessoas”.(REBEL, 2009, p.06)

A partir do período renascentista, os artistas tiveram a liberdade de pensar por si e se auto representar, ocorrendo assim, a separação entre as atividades e das artes liberais. “O autorretrato pode ascender à categoria de manifesto de autoconhecimento humano geral, e até a autorreflexão cultural”. (REBEL, 2009, p.13)

A história dos autorretratos será introduzida neste trabalho a partir das discussões do autor (REBEL, 2009) sobre o tema e suas descobertas.

Iniciamos a incursão pelo período marcado pela invenção da fotografia onde iniciou uma transformação no mundo da arte, fugindo da antiga forma realista habitual. Esta transformação se estendeu até o século XX e é conhecido como modernismo.

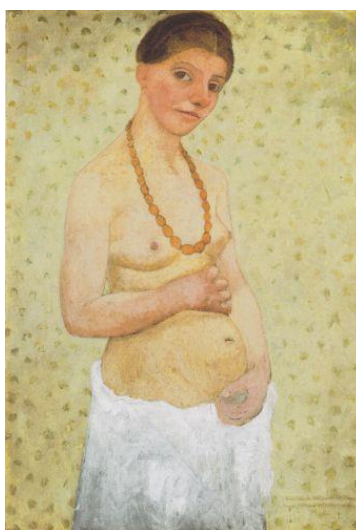
Deixam-se impressionar pela invulgar precisão objectiva, podem dispor de uma nova rapidez de visão e de percepção, fazem experiências com saltos de perspectivas, cortes aleatórios e manipulações de motivos. A fotografia é o novo espelho da arte e dos artistas, um espelho que assume uma existência mecânica independente. (REBEL, 2009, p.22)

⁹Web significa um sistema de informações ligadas através de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet. Para tal é necessária ligação à internet e um navegador (*browser*) onde são visualizados os conteúdos disponíveis.

O período modernista foi responsável pelos autorretratos mais famosos do mundo, como os de Frida Kahlo, Tarsila do Amaral e tantos outros. Piter Gay (2009) argumenta que foi neste período em que os artistas se permitiram experimentar novas maneiras de representação, e fugiram da realidade dos ateliês de pintura, buscando novas perspectivas, formas, cores e expressão para a sua arte.

Em se tratando de autorretratos femininos, a artista Paula Modersohn-Becker (1876 – 1907) foi a primeira artista modernista da Europa, a realizar um autorretrato nua. Na pintura, a artista se pintou grávida e pintou seu corpo nú com um “gesto de abraçar seu corpo fértil”. (REBEL, 2009, p.24).

Figura 3: Paula Modersohn-Becker. Autorretrato no 6º Aniversário de casamento. 1906.



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Paula-Modersohn-Becker/29734/Auto-retrato-no-sexto-anivers%C3%A1rio-de-casamento.html>

Na imagem a artista envolve seu ventre, com seus seios à mostra, em volta do colo apenas um colar a envolve. Seu olhar direcional para o espelho, reflete na sua face, o estado sublime em que se almejava se encontrar. A pintura original em óleo e papelão faz parte do acervo expressionista, sendo categorizada por ser reflexo de um desejo. A pesquisadora SENA, 2010, descreve sobre esta emblemática imagem, e discorre sobre a triste história por trás deste icônico retrato, e conduz a uma antevisão sobre a maternidade pois refletia seu desejo em ser mãe, na ocasião se tratava de uma representação da sua imensa “vontade de sentir a plenitude da maternidade”, cuja ocorreu anos mais tarde. Ela foi a primeira mulher a se colocar diante do espelho e compartilhar sua intimidade e seu corpo, hoje, muito comum no Instagram, mas este ato, para a época, podemos considerar revolucionário.(SENA, 2010, p. 7).

Rebel (2009) fornece uma pista sobre o primeiro autorretrato feminino e sua obra, desta forma, a artista abriu portas para outras mulheres se auto representarem com maior liberdade, como nos dias atuais.

É de suma importância a compreensão sobre a contextualização histórica do autorretrato para este trabalho, pois a partir dele, iniciaremos uma nova narrativa, as *selfies*¹⁰ na era do Instagram. Embora, saibamos que a construção da identidade em forma de imagem foi para as artistas uma conquista importante no espaço profissional, elevando o status social e permitindo eternizar sua autoimagem através do próprio talento, esta conquista enfatiza para os dias atuais, que a imagem é um direito de todas.

Hoje, podemos eternizar a própria imagem para serem lembradas no futuro. Mas esse não é o objetivo do autorretrato. Auto fotografar-se ou pintar a si está mais ligado a questão da construção identitária dentro de uma sociedade de imagens, uma forma de pertencer a um determinado grupo social ou cultural, ou até mesmo, uma forma de repulsa a busca frenética pela fama.

Figura 4: Four Marilyns (1964).



Fonte: <https://oceanvalleyblog.wordpress.com/2017/05/04/modernism-shot-marilyn/>.

Nos anos de 1960, as formas desenfreadas da busca pela fama causaram certa repulsa no artista Andy Warhol. A sua principal indagação era sobre o consumismo midiático e da influência que os artistas exercem na nossa capacidade de produzir conteúdo imagético e da forma como os percebemos como arte, destacamos Andy Warhol, por se tratar do ícone, que transitava no campo das artes visuais como pintura, cinema, fotografia e serigrafia, o caso

¹⁰Selfies é um neologismo que surgiu a partir da expressão self-portrait, que é traduzido como autorretrato. Selfie seria, nesse caso, uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente, é uma fotografia tirada pela própria pessoa que aparece na foto, sobretudo feita por um smartphone, webcam ou uma câmera digital. Fonte: <https://www.meusdicionarios.com.br/selfie> Acesso em: 25/06/2019.

desta imagem icônica da artista Marilyn Monroe, e tem um contexto complexo de beleza e morbidez, justamente por ter sido produzido a partir de fotografia já existente, e ganhando um novo contexto após a sua morte nesta arte em serigrafia do artista. Warhol reproduz uma série de retratos da estrela, captando brilhantemente pensando na sua percepção sobre o poder que os famosos exercem sobre as pessoas. “O consumismo midiático, é, portanto, também conteúdo central da arte de Warhol.” (REBEL, 2009, p.82)

2.2 DO RETRATO AO AUTORRETRATO NA FOTOGRAFIA

A primeira fotografia reconhecida, foi feita pelo francês Joseph Nicéphore Niépce em 1826, mas o desenvolvimento envolveu diversas pessoas até chegar no que conhecemos hoje. Antes da fotografia, as imagens eram feitas por câmaras escuras¹¹, mas essas imagens não resistiam à luz e com o tempo, elas desapareciam do suporte, mas este empecilho não frustrou Jacques Mandé Daguerre, sócio de Niépce na sua busca pela fixação da imagem, e quando finalmente conseguiu, trabalhou para que a fotografia ganhasse o reconhecimento do seu feito junto a academia de belas artes em 19 de agosto de 1839, na ocasião fora batizada pelo mesmo de *daguerreotipo*¹². Contudo, a produção e fixação dessa imagem exigia do fotógrafo, habilidades. Longe de Paris surgia o primeiro sistema de produção de cópias com William Henry Fox-Talbot e a técnica desenvolvida por ele, de reprodução por contato, denominado de positivo / negativo, foi o resultado do desenvolvimento de novas técnicas que o ajudariam na produção de cópias, dando ênfase na metade do século XIX a troca de cartes de visite. Andrea C. T Wanderley, pesquisadora do portal Brasileira Fotográfica disserta sobre o tema e afirma que:

Foi um dos grandes modismos da segunda metade do século XIX e deu origem a outro modismo: os álbuns de fotografia. E foi a febre do retrato fotográfico, por sua vez, que solidificou a fotografia no Brasil e no mundo. Os cartes de visite eram trocados entre amigos, familiares e colecionadores, que com eles se confraternizavam. Conferiam ao fotografado um certo status social e, muitas vezes, continham dedicatórias e eram datados. A fotografia tornava-se, assim, parte da vida do homem moderno. WANDERLEY.A (2006).

¹¹A câmara escura de orifício é um objeto totalmente fechado, com as paredes opacas e com um pequeno orifício em uma das faces. Ao colocarmos um pequeno objeto luminoso ou iluminado em frente à câmara, podemos observar a imagem formada na parede oposta ao orifício. Essa imagem é uma imagem real e invertida. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/construcao-uma-camara-escura-orificio.htm> Acesso em: 29/05/2019.

¹²Odaguerreótipo é um equipamento responsável pela produção de uma imagem fotográfica sem negativo. Desenvolvido em 1837 por Louis Jacques Mandé Daguerre, daí o nome daguerreotipo, somente foi apresentado publicamente em 1839, mesmo ano em que o governo francês declarou o invento como domínio público. Fonte: <https://iphotochannel.com.br/fotopedia/daguerre-e-niepce-os-pais-da-fotografia> Acesso em: 29/05/2019 .

A fotografia foi sem dúvidas a descoberta mais revolucionária, desde a sua descoberta no século XIX até os dias atuais, e vem se estabelecendo como fenômeno de universalização da cultura cosmopolita da vida contemporânea, e como o meio de comunicação mais eficaz, graças a sociedade imagética atual. (MAUAD, 1995) versa sobre o tema e diz que:

Tal perspectiva remete ao circuito social da fotografia nos diferentes períodos de sua história, incluindo-se nesta categoria, todo processo de produção, circulação e consumo das imagens fotográficas. Só assim será possível estabelecer as condições de emissão e recepção da mensagem fotográfica. (MAUAD, 1995, p.08)

A fotografia foi um divisor de águas nas artes visuais. Cláudio Kubrusly (1991) expõe a ânsia do homem de se registrar, ser retratado custe o que custar, mesmo sofrendo com longos períodos de exposição com que as placas úmidas exigiam, e os acessórios mais parecidos com objetos de tortura para manter a estaticidade da pose, até o surgimento dos instantâneos e da tecnologia digital. Essas formas de narrar à história da fotografia, produz mesmo que de maneira imperceptível a identidade do registro fotográfico, e do objeto retratado.

Desde a popularização da fotografia graças a Kodak, empresa do George Eastman, e a popularização das câmaras fotográficas, retratos foram a área da fotografia mais difundida pela sociedade e tal vez a que mais atraiu o público e o expectador no que tange a representação social e cultural de uma sociedade. Simonetta Persichetti diz que:

O retrato é fascinante. Talvez a mais sedutora e difícil linguagem tanto da pintura como da fotografia. Síntese do encontro de olhares entre um produtor de imagens e um ser que se deixa “imortalizar” pelas pinceladas ou pelas lentes. Uma troca entre objetividade e subjetividade e a vontade de ver e ser visto. (PERSICHETTI, 2013, p.158).

Os retratos são representações, as pessoas quando são fotografadas geralmente costumam criar personagens, acontecem sempre, e até os dias atuais com a persona que mostramos nas redes sociais, Instagram em especial com a modalidade das *selfies*. Os avanços na estrutura dos suportes fotográficos permitiram a anônimos e a pessoas o registro fotográfico. A autora versa sobre o fascínio que o retratar-se para pertencer a um tempo e espaço de forma que a subjetividade entre o ato fotográfico e o registro é inevitável. O

fascínio dos retratos e autorretratos é exatamente o caráter ficcional, e a possibilidade da construção de poses e personagens encenados, característica presente nas *selfies* da atualidade. As mulheres produzem autorretratos e compartilham milhares de *selfies*, dando sentido próprio a suas escolhas.

Em se tratando de autorretratos, eles existem desde as primeiras expressões artísticas humanas. Foi assim com os grandes pintores da história da arte, e não diferente na fotografia. Não era mais exclusivo apenas para artistas, mas sim, de qualquer pessoa munida de uma câmera fotográfica poderia produzir imagens de si.

O primeiro autorretrato feminino na fotografia foi tirada em 1914 diante do espelho conforme figura (5)¹³. A filha do Czar Nicolau II, a grã-duquesa Anastasia Nikolaeva de 13 anos, registrou sua imagem com sucesso, tão emocionada com o feito, enviou uma carta com a fotografia para uma amiga dizendo: “ eu tirei essa foto de mim mesma olhando para o espelho. Foi muito difícil, pois minhas mãos tremiam”.

Figura 5: Autorretrato da Grã- duquesa Anastasia Nikolaevna. 1914.



Fonte: https://www.scoopnest.com/pt/user/rev_brasileiros/849683261316108289-anastasia-romanov-a-filha-cacula-do-czar-nicolau-ii-faz-selfie-em-1913-.

Ao longo da história da fotografia, os autorretratos são uma das principais formas de expressar o eu fotógrafo, aquele que tem o domínio da linguagem fotográfica, técnicas e performances, que permitem ao expectador perceber que a pessoa da imagem é a mesma que

¹³ Autorretrato em Fotografia da Grã- duquesa Anastasia Nikolaevna. 1914.

https://www.scoopnest.com/pt/user/rev_brasileiros/849683261316108289-anastasia-romanov-a-filha-cacula-do-czar-nicolau-ii-faz-selfie-em-1913- Acesso em: 24/05/2019.

está por trás das câmeras. Os autorretratos em si, permitem a nossa compreensão sobre o caráter e personalidade que os registros históricos não nos possibilitam estudar, nos transportam para outras épocas, espaços, e plásticas de um período da história. O artista se espelha, reflete sua imagem, sua personalidade, seu mundo, sua época, seus valores, o seu modo particular de ver a arte e a vida. Kossoy (2001) argumenta que, “ [...] todos nós guardamos fotos de nossas experiências de vida: imagens – relicário que preservam cristalizadas nossas memórias”. (KOSSOY, 2001, p.42).

Ainda segundo Kossoy (2001, p. 45) “as imagens técnicas tornam as imagens mentais reais”. A coleção desses recortes afetivos da nossa história, nos permite o congelamento momentâneo desses conteúdos, propiciam para nós uma construção de diálogo com nós mesmos, ao contemplar o recorte do passado em fotografias palpáveis de tempos passados.

As imagens no espelho, ou com as objetivas viradas para si, revelam a intimidade do fotógrafo com sua câmera, com seu corpo, essas imagens de si, exemplificado na figura 6¹⁴, ganharam uma proporção gigantesca, com a difusão da comunicação global, consequência da internet e das redes sociais. Se antes, as grandes produções fotográficas, e o olhar técnico prevaleciam para os fotógrafos profissionais, no século XXI o que prevalece é a visibilidade. O pertencer ao mundo do espetáculo é o que caracteriza essa identificação cultural com a busca da imagem ideal. KOSSOY conclui que: É na fotografia que encontramos a possibilidade de construção da imagem, do ideal, ou de um personagem de uma sociedade em um dado momento. (2007, p.58).

¹⁴Autoretrato Diane Arbus (1945). Fonte: <http://o-que-vem-a-rede.blogspot.com/2012/04/15-auto-retratos-ao-espelho-de.html>. Acesso em: 10/05/2019.

Figura 6: Autorretrato Diane Arbus (1945).



Fonte: <http://o-que-vem-a-rede.blogspot.com/2012/04/15-auto-retratos-ao-espelho-de.html>.

2.3 A EVOLUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA COM O ADVENTO DA INTERNET

A internet surgiu nos anos de 1950 com uma finalidade bem definida de levar informações de interesses militares e ajudar na comunicação em um período bélico, buscando desenvolver estratégias de guerra e se antecipar aos inimigos no caso de invasão territorial. Este período foi importante, pois promoveu o uso das tecnologias para outros campos, propiciando o desenvolvimento das ciências e tecnologias para o uso civil, de acordo com Castells (2003), o advento da internet pode ser caracterizado como um divisor de águas para a sociedade.

O impacto social de que Castells visualizou, casou com o passar dos anos e com o desenvolvimento da internet, e dos computadores residenciais, facilitando o modo como nos comunicando. Antes a internet foi utilizada como uma ferramenta de guerra, agora, utilizada como instrumento para fins de comunicação e interação social, ganhando novas dimensões e espalhou-se pelo mundo. O autor comenta que a partir de 1975, a internet permitiu um intercâmbio internacional, sendo ampliada “ ao longo da década de 80, as redes precursoras da internet foram se ampliando, aos poucos, acrescentando novos serviços (COSTELLA,2002 p.232).

É explícito a mudança social que a internet proporcionou na sociedade contemporânea, quanto a interação das pessoas, ou seja, quaisquer pessoas de qualquer parte do mundo passaram a manter contato e se conhecer através da internet. Thompson (1998) entende que esse novo jeito de interagir e se comunicar é um tipo de “ interação mediada” consiste nas formas de comunicação que fazem uso de meios técnicos (papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas) permite que a informação seja repassada mesmo que o receptor da mensagem esteja em outro espaço e/ou tempo, nas palavras do autor. Neste tipo de interação existe a perda da simbologia do contato, da percepção das expressões faciais, do tom da voz, muitas vezes importante para a diminuição dos ruídos na comunicação. A distância tornou-se imperceptível depois do uso das ferramentas que facilitam a magia acontecer, destaco os computadores conectados a grande rede, e na atualidade os celulares cada vez mais avançados, a sua junção veio interferir diretamente na noção espaço tempo entendido pelas pessoas.

2.4 DISPOSITIVOS MÓVEIS CONECTADOS

É evidente a mudança social que a internet proporcionou na sociedade contemporânea, quanto a interação das pessoas, logo interferiu no senso de tempo e espaço com tamanha facilidade que o dispositivo móvel mudou a forma de comunicação, atendendo ao imediatismo do saber. Os celulares são de fácil manuseio, cabendo na bolsa transportamos e utilizamos em qualquer local, toda hora, a todo o momento, sem que seja preciso o deslocamento de um local para outro. Nesta ótica, pode-se dizer que a internet e o telefone móvel vieram para garantir a constância da comunicação entre os indivíduos, de forma simples, o usuário da rede pode interagir em tempo real com os seus amigos, ou conhecidos, podendo ampliar o seu círculo social, basta que possua um dispositivo conectado à internet. Segundo pesquisa realizada para revista exame¹⁵ já em 2016, constatou-se a relação do brasileiro quanto a utilização dos celulares para acesso à internet e verificou-se que o brasileiro utiliza mais o aparelho celular do que o computador pessoal para acessar a Internet, e estes números também refletem no número de celulares ativos no Brasil, que representam mais de um por habitante.

¹⁵Revista Exame: Estatísticas de uso de celular no Brasil.

Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/estatisticas-de-uso-de-celular-no-brasil-dino89091436131/>
Acesso em: 10/05/2019.

A conectividade tornou próximo o que antes estava distante, e elimina o imperativo de tempo e espaço, possibilitando a interação dos indivíduos, sem levar em consideração suas diferenças socioculturais, as delimitações do sujeito, propicia novas vivências a partir da internet. Raquel Recuero diz que;

Outra diferença importante gerada pela internet é o advento dos laços sociais mantidos a distância. O desenvolvimento proporcionou uma certa flexibilidade na manutenção e criação de laços sociais, uma vez que permitiu que eles fossem dispersos espacialmente. Isso quer dizer que a comunicação mediada por computador apresentou as pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separados a grandes distâncias. (RECUERO, 2009, p.44)

2.5 CIBERESPAÇO

O ciberespaço é um meio propício para as interações sociais, nele, os indivíduos mantêm uma relação de conato virtual através da rede mundial de computadores e a internet. Existem diversas pesquisas sobre a influência na vida cotidiana após a cibercultura. Pierre Lévy (1999) diz que:

O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LEVY, 1999, p.17)

O ciberespaço é o ambiente onde há interação na forma de uma sociedade virtual, que extrapola o ambiente físico dos equipamentos eletrônicos tornando possível essa interação. Segundo palavras de Lemos (2002, p.17) “ a cibercultura é a associação da cultura contemporânea às técnicas digitais, aliando a técnica à vida social, novos modos de vida permeados pela comunicação instantânea. ” Lemos (2002) avalia que esta cultura imediatista pode ser vista com o aumento ao acesso as mais distintas redes sociais.

Podemos considerar as características citadas por Lemos, com o grande sucesso do Instagram. Com o uso do aplicativo, podemos compartilhar de forma instantânea pequenos vídeos, e imagens, que podem receber filtros e tratamentos pelo próprio aplicativo, além do imediatismo e da busca pelo melhoramento e aperfeiçoamento da imagem que será fotografada e compartilhada.

2.6 REDES SOCIAIS

As redes sociais são sites de relacionamento, onde o usuário precisa criar seu perfil de usuário da maneira que seja mais conveniente, geralmente nesses cadastros, é perguntado nome de usuário, e-mail, data de nascimento e status de relacionamento. O usuário também pode escolher as informações visíveis ao público, que ajudem a criar sua identidade no ambiente virtual, o que aumenta a possibilidade da construção da sua persona que só existe no ciberespaço (RECUERO, 2009)

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd e Ellison (2007), como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; iii) a exposição pública da rede social de a cada ator. Os sites de redes sociais, que seriam *softwares* sociais, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador (RECUERO, 2009, p. 102)

A auto exibição e a busca por popularidade por parte dos usuários, é medido no Instagram pelo número de seguidores e pelas curtidas representadas por dois toques nas imagens. Neste sentido, a autora Sibilia (2008) fala sobre a autoexibição do indivíduo nos blogs pessoais, e as evidencia sobre esta exacerbada exposição da intimidade, o que antes era escondido “as sete chaves”, hoje é exposto, “jogado ao vento”. “ A tendência parece clara, pelo menos nessas arenas: os relatos de si tendem a ser cada vez mais instantâneos, presentes, breves e explícitos” (SIBILIA, 2008, p.137) Mais que exibição, busca-se reconhecimento, e a popularidade está intrinsecamente ligada ao número de amigos e seguidores. No Instagram, a popularidade é medida pelo número de seguidores e a interação com o dono do perfil, as informações e conteúdos postados nas redes sociais são vistos por todos que possuem perfil, disponíveis ou guardadas apenas para quem o seguir. Sibilia considera que:

Essa exibição pública da intimidade não é uma miudeza que mereça ser menosprezada. A interação com os leitores, por exemplo, se apresenta como um fator fundamental nos textos da blogosfera. [...] sua condição de diário íntimo no sentido tradicional, portanto, é sem dúvida alterada. Estes se mostram abertamente ao mundo inteiro, enquanto os outros eram zelosamente preservados no segredo da intimidade individual (SIBILIA, 2008, p.59)

A pauta recorrente das redes sociais é o cotidiano, no Instagram, as selfies em lugares comuns, como plataforma intuitiva através conforme os valores construídos neste

ambiente, aquilo que se é construído dentro do ciberespaço, sob a influência do querer ser visto e da forma que isso acontece quase sempre levando em consideração o que os outros irão pensar. Neste contexto, a exposição feminina nas redes sociais, permitiu a sua própria narrativa.

Dentre as muitas redes sociais, o Instagram se destaca por ser especificamente criada para criação e depósito de imagens e pequenos vídeos, diferentemente do Facebook que abarca textos, vídeos sem um filtro funcional contra imagens e notícias relevantes, amplamente utilizado para propagação de fake News e mensagens de ódio gratuitos nos tempos atuais, deixando sua função de conhecer novos amigos, e novos relacionamentos, e mesmo assim, está em terceiro lugar de aplicativos mais baixados no google play. Outra rede social, que viralizou, foi o Snapchat. O Snapchat, foi desenvolvido para a produção de imagens em realidade aumentada a partir da utilização de filtros como o de cachorrinho, coelhos, e recentemente, filtro com a função de produzir uma fotografia do usuário jovem, bebê, com arco-íris saindo pelos olhos e muitos outros, chamando usuários das mais diversas faixas etárias. Não é à toa que a ferramenta está como quarto lugar nas redes sociais mais baixados no google play. Na classificação comunicação na plataforma google play, temos o WhatsApp, atingindo mais de 1 bilhão de usuários, e com uma relevância nessa emergência atual de nos comunicarmos, este tem um papel importante no quesito texto, pequenos vídeos e propagação de imagens, em tempos de busca de informação quase que instantânea. Esta rede social, tem uma característica que se aproxima do Instagram, que é o status, mecanismo idêntico ao Storyes do Instagram, cuja funcionalidade permite que o usuário destaque o cotidiano com mensagens, fotos ou pequenos vídeos, que desaparecem depois de vinte e quatro horas disponível.

2.7 O INSTAGRAM

Kevin Systrom e Mike Krieger lançou em outubro de 2010, o Instagram revolucionando as formas de relacionamento com as imagens e no comportamento das pessoas transformando as narrativas visuais contemporâneas.

Criado para compartilhar fotos e pequenos vídeos, como uma espécie de diário digital, a rede social ganhou espaço e logo foi se reformulando, adaptando as necessidades dessa sociedade imagética em constante ebulição com a busca de novidades e artefatos

tecnológicos. Com o mundo da arte, não foi diferente, cada vez mais vemos artistas migrando seus trabalhos para esta plataforma, como sendo utilizadas como vitrine para seus trabalhos.

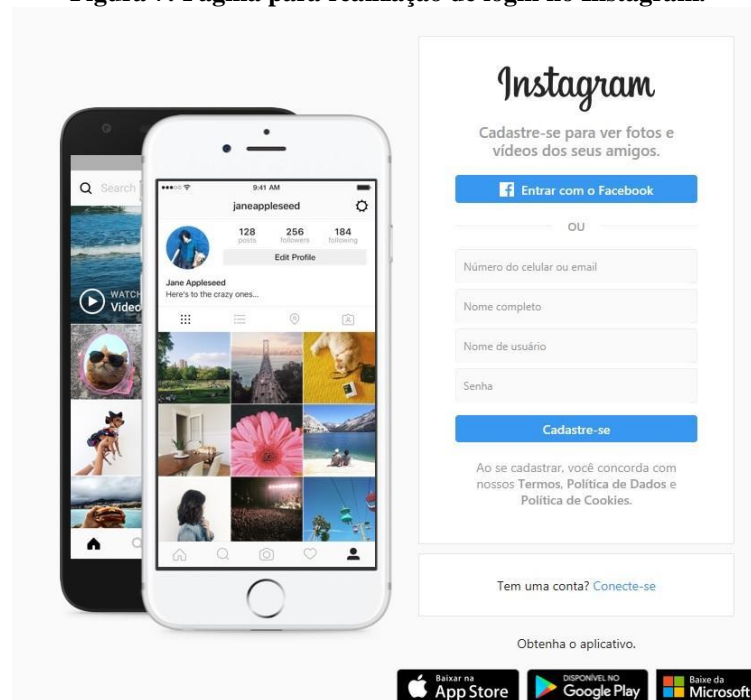
Compartilhar com os usuários da rede, conteúdos relevantes, reproduções de arte de todos os períodos da história, ou banalidades, O Instagram tornou-se a rede mais popular da década, tornando as imagens efêmeras.

Na incursão das particularidades do Instagram em relação as outras redes sociais, trabalharemos sobre as selfies e a subjetividade por traz da produção da autoimagem e seus compartilhamentos na rede social.

Segundo Mariana PIZA (2012) o Instagram é um software aplicativo, concebido para desempenhar práticas ao usuário¹⁶ para o mesmo possa concretizar determinados trabalhos. O Instagram foi fruto da simplificação de outro aplicativo o Burbn, onde a sua função seria o agrupamento de diversas funções, como compartilhar imagens, vídeos, planos para o final de semana etc., cuja complexidade, fez com que os idealizadores Kevin Systrom e Mike Krieger simplificassem sua proposta e deixassem o aplicativo com um único atrativo: a fotografia. Para fazer parte desta rede social, o sujeito precisará baixar o aplicativo pela plataforma *apple store*, *google play*, ou Microsoft, cadastrar-se e preenchem os dados básicos, onde irá fornecer nome completo e e-mail, para ter acesso a uma conta própria e intransferível, e onde o usuário precisará cadastrar um nome de usuário. Este nome de usuário, é a sua identidade no aplicativo, sendo a sua representação neste canal social de interação.

¹⁶Para a informática, usuário é a pessoa que utiliza um dispositivo ou computador e que realiza várias operações com diferentes propósitos. Muitas vezes, usuário é a pessoa que tem um computador ou dispositivo eletrônico para comunicar-se com outros usuários, gerar conteúdo e documentos, utilizar software de diversos tipos e muitas outras ações possíveis. Fonte: <https://queconceito.com.br/usuario> Acesso em: 13/05/2019.

Figura 7: Página para realização de login no Instagram.



Fonte: <https://www.instagram.com/>

O Instagram nasceu com o propósito de resgatar a nostalgia do instantâneo das polaroides, e seu ícone, remetia as câmeras desenvolvidas nos anos 1970, cujas imagens eram geradas após o click no obturador quando os reagentes penetram nas camadas do papel e ativam os reveladores, que soltam as tintas coloridas para formar a foto na camada da imagem como mágica, as imagens tinham tonalidades em sépia. Pensando nesta magia que os instantâneos produziam, os desenvolvedores do aplicativo pensaram em como transformar o moderno a partir das memórias afetivas do passado, postar fotos da galeria do próprio dispositivo móvel, ou a possibilidade de tirar a foto diretamente do aplicativo, foi então que introduziram filtros, possibilitando a escolha da manipulação das imagens, filtros de cor, melhoramento de imagens, que remetem a era do analógico, ou postar conforme saiu a fotografia, sem melhoramentos. Cada filtro propicia o usuário trabalhar a imagem de forma ilimitada, atraindo cada vez mais usuários, pela possibilidade de caráter exclusivo e individual que os tratamentos fornecem ao indivíduo.

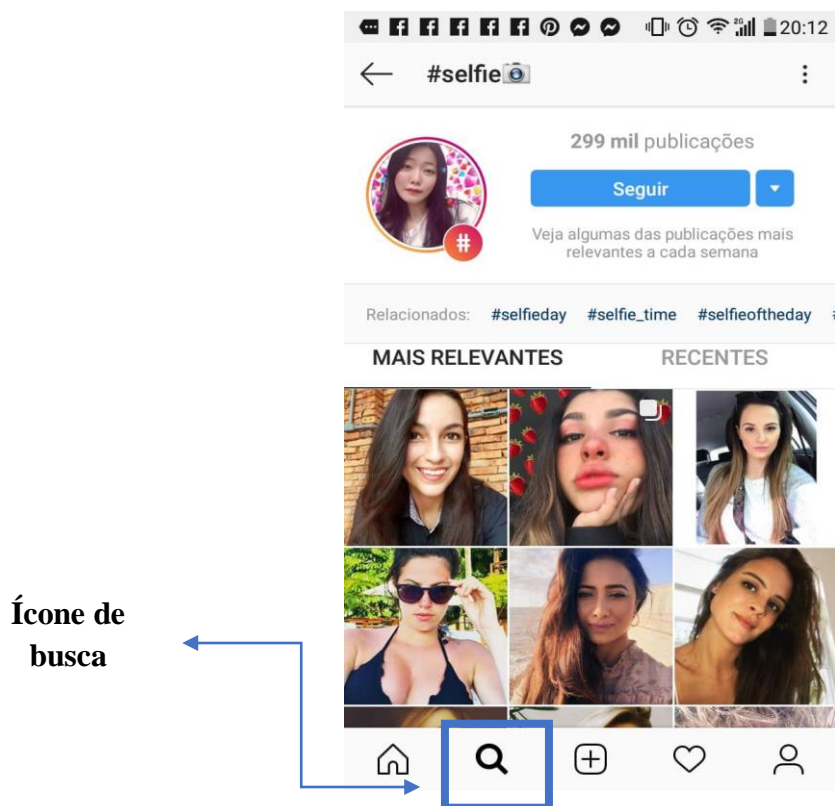
2.8 AS HASHTAGS

As hashtags são comandos que são utilizadas para agrupar um determinado grupo de imagens, ou assunto, facilitando a disseminação de um tópico, ou discussão. As hashtags são

comumente utilizadas para facilitar na busca, ajudar as métricas do aplicativo do Instagram, citado neste trabalho, por se tratar do assunto Instagram, relevância e signos que envolvem os elementos imagéticos. Os usuários podem utilizar as hashtags para facilitar a busca rápida do aplicativo e alavancar o seu assunto, muito utilizado em eventos, onde se comenta em tempo real um dado assunto, de modo a alavancar a imagem na métrica, tornando determinado assunto relevante e popular na rede social.

Para criar uma hashtag, o usuário deverá taggear¹⁷ a imagem com um símbolo de jogo da velha, mais uma descrição do assunto, geralmente sem acentuação (#partiupraia #summer #instalovers #selfie), assim, quando um usuário clicar uma hashtag, todas as imagens relacionadas irão aparecer, como exemplo a imagem a cima do template do instagram e a busca por imagens com a hashtag selfie pesquisada.

Figura 8: Template do Instagram com o filtro de busca pela hashtag selfie.



Fonte: <https://www.instagram.com/explore/tags/selfie/?hl=pt-br>

¹⁷“Tag” em inglês quer dizer etiqueta. As tags na internet são palavras que servem justamente como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas. Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm> Acesso em: 31/05/2019.

2.9 AS NARRATIVAS DO CORPO FEMININO NO INSTAGRAM

Na contemporaneidade, o corpo é uma casca, uma pele, que [utilizamos] forma que melhor nos convenha, que nos permita ser, pertencer. As redes sociais em especial o Instagram, funciona como uma vitrine no espaço virtual, onde os indivíduos podem expor seu cotidiano, suas ideias, suas personas inventadas para o ciberespaço, suas opiniões, por mais moldados que esses discursos possam ser.

O Instagram como já citado, é um programa aplicativo¹⁸ que permite o compartilhamento de fotos e pequenos vídeos de forma gratuita, inicialmente foi criado para uso nos dispositivos móveis do sistema operacional¹⁹ IOS da Apple, e devido apelo popular, posteriormente disponibilizado o pacote para *Android* em 2012, devido o sucesso, neste mesmo ano foi vendido ao *facebook* por 1 bilhão de dólares. Em constante mudança, o aplicativo vem implementando novas funções à rede social, como o *stories*²⁰ desenvolvido a partir do *Snapchat*, onde as publicações duram 24 horas podendo enviar para um determinado usuário via direct, vídeos, imagens ou transmissões ao vivo.

Para iniciarmos a nossa incursão sobre as mudanças da narrativa do corpo feminino enquanto expressão artística e sobre o sentido do compartilhamento exagerado de imagens no Instagram, este trabalho expõe teorias como a de castro (2007) sobre “a indústria cultural, que explora tendências de comportamento, não poderia deixar de lado o filão dos cuidados com o corpo (CASTRO, 2007, p. 47”).

Com esta afirmativa, o autor confirma o comportamento de pertencimento ao estar na rede social, e o coloca a margem, se não o estiver. Esta indústria cultural dita a tendência da prática social, através da qual a produção cultural e intelectual é reafirmada em pertencimento.

¹⁸Programas aplicativos permitem ao computador prestar serviços específicos a seus usuários. (LEVY, 1999, p.42)

¹⁹ São programas que gerenciam os recursos dos computadores (memória, entrada e saída etc) e organiza a mediação entre o hardware e o software aplicativo. (LEVY, 1999, p.42)

²⁰ As transmissões ao vivo pelo Stories se tornaram possíveis ainda em novembro de 2016. Os usuários também ganharam a opção de enviar imagens ou vídeos curtos via Direct, para determinadas contas, que desaparecem após a primeira visualização, de maneira análoga ao chat do Snapchat. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/08/instagram-stories-faz-2-anos-veja-a-evolucao-da-ferramenta.ghml>. Acesso em: 09/05/2019.

Figura 9: Selfie

Fonte: [https://www.google.com/search?q=selfie&rlz=1CIGCEU_pt-BRBR821BR822&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwig8rnKjI_iAhXWLLkGHenkCC4Q_AUIDigB&biw=1777&bih=786#imgdii=I28vI201ULmEwM:&imgsrc=PgrkeccWYtF-tM:](https://www.google.com/search?q=selfie&rlz=1CIGCEU_pt-BRBR821BR822&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwig8rnKjI_iAhXWLLkGHenkCC4Q_AUIDigB&biw=1777&bih=786#imgdii=I28vI201ULmEwM:&imgsrc=PgrkeccWYtF-tM;)

Utiliza-se o Instagram para se expor, mostrar à sociedade uma realidade inventada, uma vida extraordinária, seus eventos cotidianos, os lugares onde visitou, ou a nova tendência de comportamento, de sentimento, de moda. Esmiuçando sobre a brevidade das imagens relatado por Sibília “a tendência parece clara, pelo menos nestas arenas: os relatos de si tendem a ser cada vez mais instantâneos, breves e explícitos (SIBILIA, 2008, p.137). Desta forma, é notório mesmo que de forma inconsciente, a do sujeito ao narcisismo. Logo, a investigação sobre os grandes números de imagens circulantes no Instagram, compreende uma narrativa individual e coletiva sobre o ego, status, e as deficiências emocionais da persona no ciberespaço, que compreende o ser conectado, em termos psíquicos, o narcisismo é um termo que define o sujeito vaidoso, egocêntrico, e que ama a sua própria imagem.

No atual cenário, o apaixonar-se por si é algo que transcende, e estão ligadas as reações provocadas a partir do compartilhamento da própria imagem e vida, é um culto a imagem e a autoimagem, e remete diretamente as selfies e os autorretratos no Instagram. O narciso pós-moderno, é um caráter simbólico e compreende a natureza humana. (BRANDÃO, 2005), aponta uma possível interpretação para o mito do narciso indicando a necessidade de autorreflexão (de voltar a si mesmo) que domina e exclui outras necessidades. Simbolicamente, pode-se entender o ato de afundar nas águas como “perder-se e desconectar-se da realidade, na construção da identidade pós-moderna.

Stuart Hall (1992) discorre sobre as mudanças sociais e culturais no entendimento acerca do que se entende como identidade, para ele, o mais importante é a capacidade de

mudar constantemente, e com isso ele cria o conceito de “identidades fragmentadas” baseadas na influência das redes sociais e a cultura que rodeiam os indivíduos.

As mudanças de diálogo entre o sujeito e sociedade problematizaram o processo de identificação, o sujeito pós-moderno surge a partir da compreensão de multiplicidade de identidades e do caráter móvel que essas identidades possuem. O Instagram comprova que as imagens se sobressaem a linguagem verbal neste contexto tecnológico, uma receita perfeita para a emergência desta sociedade imagética, dando sentido a esta afirmação de emergências, o sujeito transita entre identidades imaginárias, projetadas socialmente e que ela deseja incorporar em sua realidade. Kossoy afirma que:

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; sintetiza no documento um fragmento do real visível. Destacando-o do contínuo da vida. (KOSSOY, 1979, p.107).

As imagens dentro do ambiente virtual reverberam o que compreendemos em determinado momento da vida, tornando expressão máxima dos sentimentos e pensamentos. As mulheres deixaram de lado as revistas femininas, outdoors, substituindo-os pelo Instagram, como um objeto interpretante das nossas causas, sentimentos, frustrações e felicidades cotidianas. O mundo feminino tornou-se portáteis e ilustrados, cheios de interpretantes conectados a nossa rede de amigos.

2.10 OS SIGNOS FOTOGRÁFICOS DIGITAIS

Os registros fotográficos dizem muito sobre o comportamento humano, evidencia a ideia que se quer passar, que mesmo que sejam registros da banalidade, as fotografias são signos, e como tal, Santaella discorre o seguinte:

Um signo, ou Representamen, é aquilo que sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas como referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento da ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representamen. (Pierce apud Santaella, 2004, p.12)

A semiótica direciona a nossa compreensão dos signos que regem as formas de comunicação de forma mais abrangente, e nos transporta para um oceano de interpretações sobre o sujeito e as mudanças análogas na busca de sentido para as imagens. Pierce, definiu

uma tríade dos signos que nos ajuda na compreensão da mensagem e do sentido, são eles: i) signo consigo ii) signo como objeto iii) e signo como interpretante. Segundo o autor:

Qualquer coisa de qualquer espécie, imaginada, sonhada, sentida, experimentada, pensada, desejada... pode ser um signo, desde que essa “coisa” seja interpretada em função de um fundamento que lhe é próprio, como estando no lugar de qualquer coisa. (Santaella, 2004, p.90)

Sendo assim, a sociedade está cercada de narrativas, signos, por meio de ícones, índices e imagens espalhados por todos os lados, e as significâncias deve ser um processo dinâmico entre o emissor e o receptor da mensagem, e as experiências, os contextos culturais e sociais devem ser considerados para a interpretação ter sentido. Ostrower complementa este pensamento quando afirma que “ forma elementar em que enquadramentos e experiências para poder percebe-los e reuni-los em categorias como por ser o referencial anterior de todas as linguagens (1988, p.173).

3 ANÁLISE DAS IMAGENS

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver.

Clarice Lispector

O termo leitura de imagem começa a ser utilizado a partir de 1980, quando da divulgação da proposta triangular promulgado pela professora de arte Ana Mae Barbosa, cuja proposta é leitura das imagens após contextualizá-la, a partir das experiências visuais com a obra artística. É bem mais que olhar uma obra e reproduzir, é compreender sobre o autor, assimilar ao contexto em que a obra foi produzida enquanto tempo histórico, e por fim, realizar uma leitura técnica da obra.

O julgamento sobre o que vemos não está separado das experiências cotidianas e de gostos pessoais afetando a atribuição de valor ao que é visto.

Segundo Hernandez, “a cultura visual ocupa um lugar relevante, como objeto de conhecimento e oportunidade de estabelecimento de relações, de desvelamento de posições críticas” (2007, p. 117).

As obras em que serão analisadas neste capítulo, tem uma relevância particular para o tema na qual foi laborado neste trabalho. Seleccionamos duas imagens de importância para a arte, uma imagem da artista Frida Kahlo e outra da fotógrafa Americana Cindy Sherman, ambas circulantes na rede social do Instagram.

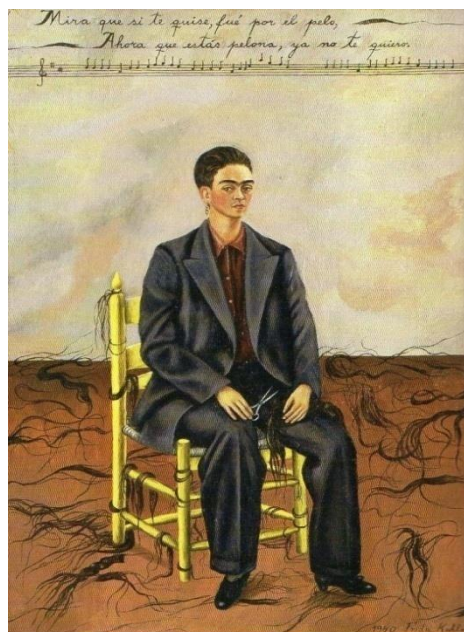
3.1 AUTORRETRATO COM CABELOS CORTADOS – FRIDA KAHLO (1940).

Antes de iniciarmos a análise da obra – Autorretrato com cabelos cortados que a Artista produziu nos anos de 1940, é necessário fazer uma breve incursão sobre sua vida, no período da história, como também da cultura em que está inserida a artista Frida Kahlo.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, nasceu na vila de Coyoacán, no México, no dia 6 de julho de 1907. Filha de pai de origem alemã, e sua mãe espanhola, desde criança tinha saúde fragilizada, e aos 6 anos contraiu poliomielite deixando-a com sequelas em um dos seus pés. Aos 18 anos, sofreu um grave acidente de ônibus que a deixou de cama com coletes ortopédicos de gesso ao longo de sua vida. Seu pai, a presenteia com tintas e pincéis e um artefato adaptado para que ela exercesse seu talento com pintura já existente. Com isso, começou a expressar seu desejo de liberdade nos coletes de gesso com pinturas diversas, mas foi nos autorretratos que ela se encontrou na arte com a ajuda do cavalete adaptado, e com a ajuda de um espelho, iniciou a sua trajetória. Dizia Frida: “Para que preciso de pés quando tenho asas para voar”. Sua primeira pintura de si foi autorretrato em um vestido de veludo, dedicado a seu ex noivo Alejandro Gómez Arias.

Aos 22 anos, casa-se com seu grande amor, o renomado artista de murais e igrejas mexicano – Diego Rivera. Aqui iniciamos a nossa jornada na leitura da obra de Frida, intitulada - Autorretrato com cabelos cortados, de 1940.

Figura 10: Autorretrato com cabelos cortados. 1940



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bbj8kwWHOXh/>

O autorretrato de cabelos cortados, é uma narrativa de renúncia ao feminino e sua crítica sobre a sexualidade feminina exposta nas galerias de arte e museus. Frida renunciou aos longos cabelos negros, possuidor de forte simbologia do feminino, que tanto seu Diego amava. Este autorretrato pintado após a separação, reafirma as questões sobre os desafios, e o orgulho. Na cultura mexicana, cortar os cabelos era uma humilhação. A renúncia dos trajes típicos e com cor, também foram excluídos em seu período de sofrimento. Os trajes masculinos, a postura sisuda de pernas abertas sentada sobre a cadeira, remetem a um novo ciclo, sem o amor de Diego, este desejo de renovação e mutação são expressados nas tonalidades terrosas, nos elementos que compõem a imagem, no amarelo da cadeira, e nos cabelos cortados por elas mesmo. O semblante de Frida, é um reflexo da dor que a separação lhe causou. A artista autoproclama na descrição da imagem a seguinte frase: “olha quando te amava, era pelo seu cabelo: agora que estás careca, não te amo mais”. A mensagem da artista por trás da obra é segundo Rebel:

“Com uma atitude de autodeterminação podemos recuperar a dignidade perdida. Isto livraria do fardo da feminilidade que em melhores tempos era bem-querido. Com complacência para os outros. Assim, acabemos com o papel da mulher enquanto mulher”. (REBEL, 2009, p.70).

A questão de identidade através da obra é uma crítica sobre a construção de identidades fragmentadas, já citadas neste trabalho, e que conduz a uma reflexão sobre como utilizamos nosso corpo, levando em consideração o momento cultural e social em que estamos inseridos.

Frida utilizava uma trama de substituições, seus autorretratos eram fonte de manifesto, concentrava sua sabedoria, suas dores, seus ressentimentos, sua cultura, suas ideologias. Sua arte, era uma forma de libertar-se metaforicamente das suas enfermidades, e toda a sua dor foi transfigurada nas artes plásticas como narrativa. “Não há como fazer uma separação de Frida da sua obra, a obra e Frida são uma só”. (ALMEIDA, 2010, p. 81)

As obras da artista, hoje, circulam nas redes sociais, e servindo de veículo para disseminar a arte feminista de Frida. Hoje no Instagram, visualizamos diversos perfis atribuídos a artista, e suas obras, servindo como uma grande galeria de arte a nosso alcance, podemos contemplar suas obras em qualquer lugar, bastando ser usuário, possuir um dispositivo móvel conectado à internet e contemplar as cores, os elementos semióticos que fazem de Frida, uma artista imortalizada por sua linguagem da vida real.

3.2 AUTORRETRATO CINDY SHERMAN - UNTITLED-FILM-STILL #06

Cynthia Morris Sherman nasceu na cidade Americana de *Glen Ridge* em Nova Jersey em 19 de janeiro de 1954, mas passou sua infância em *Long Island* também nos Estados Unidos, cursou artes visuais no *State University College* em Buffalo, onde esboçou seus primeiros experimentos fotográficos. A medida que desenvolvia suas experimentações, documentava as transformações que realizava em siatravés de fotografias, modificando sua aparência e registrando todas as suas personagens. Estas experiências serviram de primeiro contato com a arte conceitual e suas performances camaleônicas de construção e desconstrução da sua autoimagem.

Costumeiramente, suas fotografias são nomeadas dentro de série de imagens que respeitam uma temática, estilo, ou lógica própria.

Para a série *Untitled Film Stills*, ou simplesmente – *Stills* cinematográficos sem título foram os críticos de arte, que os nomearam. Esta série, tem forte influência do cinema, uma das paixões de Sherman. Esta série foi produzida entre 1977 e 1980, quando já residia em Nova York, e fora composta por 69 fotografias em preto e branco.

Nesta produção, a artista recria *stills* (fotos publicitárias) a partir das referências dos filmes clássicos dos anos 50 de Hollywood, mais especificamente referencias de filmes *Noir*, filmes B, e filmes europeus. Embora as fotografias remetam ao clássico do cinema em

película, elas não se referem a um ator ou diretor específico. Sherman também, se apropria de fontes imagéticas e estilísticas do mundo da televisão, revistas pornográficas e de moda.

Os autorretratos de Sherman, fazem alusão aquelas brincadeiras de criança, onde nos fantasiávamos com as roupas da mãe, da irmã mais velha ou vestindoas nossas bonecas, sempre com modelos diferentes, num jogo de monta desmonta, neste caso, as possibilidades de transformações tem a possibilidade de ser desfeita a qualquer momento. Essas possibilidades de transformação, coloca em cheque a Sherman original, aquela que se mantém íntegra ao mais íntimo do seu ser, levantada a partir da pesquisa de suas fotografias.

O fato de que a identidade passa a ser entendida como um dado natural, Hall conta com suas palavras:

Assim a identidade é realmente algo formado(...) Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade (...).A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (2006, p.39)

Neste viés, o trabalho de Sherman é composto por gestos, poses e estilos codificados, numa trama de crítica aos modelos de mulher ocidental veiculada em revistas, televisão e cinema, e a constituição da identidade feminina, assumindo estereótipos distintos, em uma narrativa teatral.

Figura 11: untitled-film-still #06-1977.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BZmAQ4Mg4IO/>

Sherman em *untitled-film-still #06*, mostra uma imagem de uma mulher deitada em uma cama, entrelaçada nos lençóis, com a sua camisola aberta, a mostrar o seu sutiã preto e a calcinha branca ambas as peças íntimas enormes, que remetem as peças íntimas usadas pelas mulheres dos anos de 1950. O olhar parece fixar o teto, sem uma subjetividade específica, também não esboça tristeza nem alegria, em uma de suas mãos, segura o espelho com face voltada para a cama, sinal que ela checou a pose, e fez uma pesquisa prévia. A expressão de sua face em conjunto com a pose visualizada por um click em contra *plongê* (ângulo da câmera de cima para baixo), a fazem parecer uma boneca. Sherman recria nesta imagem a sensação que Roland Barthes descreve sobre o sentimento de ser fotografado, em *A câmara clara*:

Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente e m imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a fotografia cria meu corpo ou mortifica, a seu bel-prazer (...). Eu queria, em suma, que minha imagem, móbil, sacudida entre mil fotos variáveis, ao sabor das situações, das idades, coincidissem sempre com meu “eu” (profundo, como é sabido); mas é o contrário que é preciso dizer: sou eu que não coincido jamais com minha imagem; pois é a imagem que é pesada, imóvel, obstinada (por isso a sociedade se apoia nela), e sou eu leve, dividido, disperso e que, como um ludião, não fico no lugar, agitando-me em meu frasco: ah, se ao menos a fotografia pudesse me dar um corpo neutro, anatômico, um corpo que nada signifique! Infelizmente, estou condenado pela Fotografia, que pensa agir bem, a ter sempre uma cara: meu corpo jamais encontra seu grau zero (...) (1984, p. 23 e 24).

Sherman sugere gêneros, resultando em personagens que emergem como tipos de personalidade em vez de atrizes específicas. As primeiras seis imagens da série, incluindo *Untitled Film Still # 6, 1977*, retratam a mesma atriz loira em vários estágios de sua carreira.

“A fotografa busca fazer com que outras pessoas reconheçam algo de si em suas imagens, na fotografia #6 a personagem não está se olhando no espelho e nem sequer olhando para nada, mas apenas segurando um espelho e deitada na cama, diante da câmera, Sherman, age como se fosse outra pessoa, vestida com um figurino, dentro de um cenário e um contexto, se delineando em um conjunto de signos, regidos pelo figurino, cenário e pose.

Untitled Film Still # 6 constrói uma ação crível, viva e pulsante, e assume materiais externos como base investigativa para a construção de um corpo / identidade ficcional, e assume a sua máxima contemporaneidade nesta sociedade, cuja narrativa visual é repleta de significados próprios. *Still #6*, muito embora tenha sido produzida originalmente em película analógica, a imagem está ativamente circulante nas redes sociais, bastando utilizar a busca

pelo título, ou pelo nome da fotografa Cindy Shermam no Instagram no perfil da artista norte americanae de usuários como o da também norte americana e artista de usuário@woweyzoey que possui pouco mais de 1.000 seguidores / amigos em sua rede de amigos do Instagram. Zoey tem em sua galeria de fotografias aUntitled Film Still # 6, a imagem ganhou pouco mais de 75 curtidas, onde analisamos ser 80% de perfis de usuários masculinos.

3.3 SÍNTESE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA ARTE

As Representações gráficas de síntese (RGS), são figuras bidimensionais que tem o objetivo de agregar na compreensão do conteúdo abordado, segundo Padovani & Pece (2006), “Elas fazem uso direto da linguagem visual”. (PADOVANI& PECE, 2006, P.188), usando esta lógica, as imagens são o ponto central, onde o texto é apenas rótulos para elas. A criação do modelo para esta representação, é livre e vai da criatividade de cada indivíduo.

Para a síntese deste trabalho, foi escolhida a criação da linha do tempo com o conteúdo mapeado; que nos permite uma melhor compreensão sobre as mudanças da forma como o corpo feminino foi sendo representado até os dias atuais, com a ajuda do avanço da tecnologia e do advento da internet. Este mapa, conta através de imagens já apresentadas neste trabalho, a trajetória das representações do feminino na arte. A narrativa escolhida como pressuposto da expressão, é a fotografia digital, afinal, é uma fábrica de sentido para a criatividade artística, área de identificação pessoal.

Figura 12: Evolução da Narrativa feminina nas artes visuais contemporâneas



Fonte: Própria (2019).

3.4 STORYTELLING

A arte de contar história perpassa de geração para geração, e está na cultura humana a sua prática. Na prática, storytelling é a forma mais primitiva e, ainda hoje, a mais sofisticada de transmissão de mensagens, as paredes das cavernas de *Lascaux*²¹ no sul da França estão cheias delas, nos faz pensar imagetivamente como nossos ancestrais se comunicavam.

A tradução de Storytelling perpassa sobre o tangível e o abstrato, uma ferramenta muito utilizada na publicidade, ou simplesmente para tocar fundo na emoção das pessoas. A parte abstrata do conteúdo que queremos passar requer de cada pessoa imaginação e criatividade, pois cada indivíduo carrega em si uma versão diferente de uma determinada história, nossas avós, por exemplo, contavam histórias e davam todo significado para os clássicos da literatura infantil, e nossa compreensão e imaginação viajavam para dentro da história de forma única. O Storytelling permite que utilizemos uma versão própria para cada história. Com isto, concluímos que o *Story* da palavra é a morada da criatividade, imaginação, não manipulável, assim como a imaginação impregnada de informação, é intangível. O *telling*

²¹Lascaux é um complexo de cavernas ao sudoeste de França, famoso pelas suas pinturas rupestres. Descoberta no ano de 1940, os melhores exemplares da arte pré-histórica do mundo. Fonte: <https://www.dicaseuropa.com.br/2014/01/cavernas-de-lascaux-franca.html>. Acesso em: 16/05/2019.

da palavra é referente ao ato de narrar, e mais especificamente as narrativas, a parte tangível do conteúdo. São os livros, as fotografias, a escrita, e logo, a morada da expressão. A função do *telling* da palavra é permitir que o fogo da criatividade apareça.

A escolha do Storytelling tem uma carga semântica na construção do conceito cultural da ferramenta e seus usos, foi preciso reduzir a história, dar um conceito interessante e de fácil explicação, amarrar a trama, inserir a personagem, encaixar tudo isso em uma estrutura contada em três atos, assim como no teatro, os atos do storytelling são divididos em: apresentação, ação/reação e conclusão da história, tudo isto, em pouco mais de 1 minuto e 59 segundos, tempo de um vídeo produzido para depósito no IGTV do Instagram, sendo o local apropriado para tempos maiores que 58 segundos como o caso dos *stories*. A história do vídeo de título #umdia de foto, se passa nos anos atuais e representa o cotidiano de diversas mulheres. O vídeo foi produzido e editado no aplicativo *Inshot* para android.

4 METODOLOGIA

Este trabalho teve em seu cerne de investigação o conceito de artes visuais ao longo da história e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística centrando-se na comparação acerca das nuances da mudança da narrativa visual do corpo feminino na arte do século XX, e a forma como utilizamos as novas mídias para expressar e produzir imagens com o uso do Instagram. Analisamos através de registros bibliográficos e de imagens os fatores de mudança sobre o comportamento das mulheres com o advento das tecnologias, a busca pelo empoderamento feminino que os novos aparatos tecnológicos trouxeram para o cotidiano, a mobilidade da internet em nossas mãos, permitindo a utilização do Instagram como ferramenta de sentido para as imagens, bem como realizaremos a análise de duas imagens circulantes no aplicativo do Instagram, sendo ambas do século XX em aparatos distintos em sua obra original, para . A primeira obra analisada, originalmente foi produzida em pintura em tela e a segunda obra, em película analógica fotográfica, mas que contém uma significância na contemporaneidade, as imagens servirão de corpus para que possamos realizar a comparação entre as duas, sendo que ambas nos dias atuais, são circulantes em um mesmo aparato tecnológico.

A metodologia aplicada nesta pesquisa foi a qualitativa, sendo utilizada como um parâmetro de aprofundamento científico e focou no resultado subjetivo do corpus analisado.

Por tanto, não se buscou contabilizar números, mas compreender o comportamento de um determinado grupo ou ordem. Neste projeto foram analisadas as narrativas do corpo feminino na arte do século XX e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística utilizamos a ferramenta de *storytelling* para contar sobre o resultado obtido nesta pesquisa de forma concisa, onde apresentaremos os resultados neste tempo da história, para que de modo visual imagético, consigamos compreender sobre esta narrativa, entendendo as nuances e sobre a forma como utilizamos as novas mídias para expressão e produção de imagens com o uso do Instagram desde a sua criação até os dias atuais, no intuito de obter respostas quanto a pergunta principal que comandou esta pesquisa que fora a seguinte: O corpo feminino pode tornar-se uma ferramenta imagética e artística através do uso do aplicativo “Instagram”? Para responder a esta indagação, utilizamos seis elementos fundamentais para a formulação do problema qualitativo: objetos de pesquisa, perguntas de pesquisa, justificativa da pesquisa, sua viabilidade, avaliação das deficiências no conhecimento dos problemas de definição inicial do ambiente ou contexto, segundo SEVERINO (2012. p. 129 a 132).

Para a realização da pesquisa científica é necessário antes de tudo, um planejamento e ter o objeto de pesquisa bem claro, como ele se colocará, quais as problemáticas, criar hipóteses para assim tentar resolver o problema, além de vivenciar a experiência problematizada através de suas vivências e experiências pessoais, sociais, acadêmicas e culturais. (SEVERINO, 2012).

Na pesquisa qualitativa o papel da revisão de literatura é uma benesse para identificação dos conceitos-chave que ainda não encontramos; por tanto, iremos ler outras pesquisas acerca das lutas sociais das mulheres para a conquista do espaço nas artes e sobre o aplicativo do Instagram, para observar outras maneiras de pensar e abordar a formulação estudada.

O objeto arte nos exige um olhar que tudo pode desde que esteja situado entre a razão e a irrazão de Merleau Ponty, é o olhar que tece um pensamento visual. O processo desta pesquisa foi indutivo, compreendido por meio de análises das duas realidades e sendo segmentando nas seguintes partes:

1. Levantamento bibliográfico
2. Pesquisas sobre o conceito de artes visuais ao longo da história e de como nosso corpo pode ser utilizado enquanto expressão artística
3. Análise de 2 imagens das quais expressam bem o corpo feminino e que são veiculadas pelo aplicativo Instagram.
4. Dissertação do texto.

Um ponto forte desta pesquisa foi a exploração dos fenômenos em profundidade, pois, precisou-se descrever e informar acontecimentos de maneiras distintas, por causa da complexidade do problema. Para isso foi prudente estudar as bases conceituais de cada fenômeno que foram pesquisados em ambientes naturais.

Quanto a natureza desta pesquisa, buscamos o viés descritivo. No entanto, “os estudos descritivos buscam especificar propriedades, características e traços importantes de qualquer fenômeno que foram analisados. Descreve tendências de um grupo ou população” (SAMPIERRE et all,2013, p.102), porque exigiu da minha pessoa enquanto pesquisadora uma série de informações sobre o objeto investigado, para que pudesse descrever os fatos e fenômenos da realidade.

A partir disso, pudemos relacionar a base teórica com a análise do uso do aplicativo do Instagram, na qual foram identificados e interpretados elementos que levam seu público a repensar o uso indiscriminado do aplicativo e o sentido da produção de imagens e seu propósito na arte ou na vida. Esta investigação, então, resultou em pistas com o intuito de propiciar a uma compreensão mais ampla da construção desta nova narrativa imagética visual.

Começamos a pesquisa no mês de novembro de 2018, e definimos o tema da pesquisa no mês de janeiro de 2019. Quando iniciamos a literatura e sua revisão, eu já tinha em mente o objeto de pesquisa e o enfoque bem definidos, porém, precisava ser lapidado pela preciosa orientação da professora Ms. em educação, Adriana Ianino, que me deu liberdade de construir uma lógica para a narrativa, cuja importância foi fundamental para que este trabalho fosse desenvolvido da forma fluida, e interligada. Iniciamos a elaboração do projeto, coleta de imagens, busca de livros e artigos que enveredasse pelo mundo da arte e tecnologia, para que assim conseguíssemos obter uma pesquisa rica e respondesse as questões abordadas neste trabalho acadêmico em um período de três meses. Mais, o percurso durou bem mais que o período exposto, pois, a primeira versão do projeto, foi apresentado para a atividade de metodologia da pesquisa em artes – módulo 2 (parte 1) desta 1ª turma de especializandos da Unidade Acadêmica de Educação à Distância e Tecnologia, com relevância para a arte, mais que não abraçava o segundo eixo deste trabalho – a tecnologia.

A pesquisa teve parecer favorável pela coordenação desta especialização em abril de 2019, na sua segunda versão que além da arte agregou tecnologia para ser aprovado e logo iniciamos a elaboração deste trabalho, culminando na defesa em julho, e depósito deste, em agosto do ano em curso.

5 CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

O século XXI é marcado pela era digital, e essa é uma realidade vivenciada pelas mulheres, que encontraram novas maneiras de se comunicar, transmitir informações, graças a evolução das ferramentas comunicacionais de sociabilidade.

Na busca pelo processo de auto representação dessa mulher contemporânea, favorecido pelos avanços tecnológicos e pela facilidade operacional do registro de si com os dispositivos *mobiles* conectados à rede mundial de computadores, proporcionaram uma larga quantidade de conteúdo imagético. Com os recursos tecnológicos na mão e a facilidade de acesso as mídias digitais, o indivíduo contempla a uma determinada forma de expressão, e acelerando a sua hiper exposição nas redes sociais e em especial no Instagram, cujo seu atrativo é justamente o registro em forma de diário digital de imagens.

Logo, a investigação sobre o sentido das produções imagéticas circulantes no Instagram compreende uma narrativa individual e coletiva sobre o ego, status social e deficiências emocionais da *persona* no ciberespaço; que compreende o ser conectado virtualmente falando, e desconectado com a realidade.

O narcisismo, em termos psíquicos, define o sujeito vaidoso, egocêntrico e que ama a sua própria imagem. Stuart Hall (1992), com sua teoria de identidades fragmentadas, descreve bem sobre as influências da rede social na cultura contemporânea e embasa a lógica encontrada sobre a atual conjuntura do mundo feminino, confirmando a teoria que estamos vivendo em uma era portátil e ilustrada, cheio de interpretantes conectados, à espreita de imagens reflexos para que consigam curtidas, ou apenas uma breve olhada despercebidamente no Instagram.

Evidências de que o Instagram funciona como uma vitrine reafirma um comportamento conceitual da indústria cultural, na qual exclui o indivíduo, e reafirma o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social, evidenciando a era onde, a moeda de troca é a informação, neste jogo de compartilhamentos, e postagens, as palavras são fragmentadas, seguindo a tendência do mundo globalizado, onde a comunicação é basicamente visual. O compartilhamento das fotografias postadas tem o intuito de ganhar mais seguidores e curtidas, e tem em ressonância o papel de ser notado naquele ambiente, e compreende uma tríade dos três *Cês* (compartilhar, curtir e conseguir seguidores) envolve

assuntos mais densos, e talvez não caiba somente em um trabalho, pois requer maior reflexão e envolve outras ramificações.

Fazer da fotografia a expressão do efêmero, é evidenciar a vida como um todo. Todos nós sentimos a necessidade orgânica de registrar coisas banais, nossos desejos, nosso cotidiano de certa forma, para que fique registrado e documentado a nossa evolução, transformação/ou movimento. A fotografia tirada de si como a *selfie* nos possibilita registrar aquilo que precisa ser notado, percebido pelo outro.

Houve uma grande transformação na função social da fotografia, que agora ao invés de servir como ratificação do passado e reforço de memória, funciona hoje como um simulacro da realidade, dessa forma, o Instagram consolida a demanda narrativa de visibilidade da mulher contemporânea, onde as identidades são forjadas para agradar o ego sufocado por tantos anos desta mulher, cuja ferramenta corrobora empiricamente e intrinsecamente para esta narrativa própria para dar sentido à exposição no diário virtual imagético que é o Instagram.

Embora ao longo desta pesquisa eu tenha tido uma posição dura quanto aos pontos negativos do Instagram quando afirmo embasada nos teóricos citados, de que, esta rede social é o espelho das vaidades, e de que as mulheres baseiam seu engajamento e popularidade, a partir do número de curtidas, e que podem afetar a espontaneidade das selfies transformando-as em robôs controlados pela métrica, e muitas das vezes pondo as vidas em sérios riscos a compararem suas vidas reais, com as de celebridades. Exponho ao mesmo tempo, os pontos positivos da rede, onde destaco como sendo uma principal ferramenta de empoderamento feminino, canal multiplicador de conteúdos relevantes no campo imagético e de engajamento social, e que permite a mulher contemporânea estar e registrar momentos de forma rápida e de modo gratuito sua visão de mundo, sua posição política, divulgação da sua arte, falar das novidades e assuntos mais comentados em outras redes sociais, e se espelhar em Manet por exemplo, para criar algo novo a partir do que já se foi feito. Esta pesquisa é relevante para que em um futuro próximo, possamos nos libertar do enclausuramento do like do outro, e façamos do dislike uma ferramenta de libertação, servindo de degrau no incentivo junto aos desenvolvedores da rede social para que possamos publicar imagens e divulgar nossa arte ou nossa vida, sem tarjas nos mamilos femininos, ou que possamos amamentar nossos bebês sem que a nossa conta no Instagram, seja mesmo que temporariamente bloqueadas.

E para encerramento deste texto, porém não na intenção de encerramento desta pesquisa... Visto que, o presente tema pode despertar outras discussões e diferentes pontos de

vista; trazemos então, uma nova versão de *Olympia*, representada em imagem visual pela pesquisadora deste estudo, e intitulada por Torres (2019)²², como: Olympia contemporânea, título dado em 06 de julho de 2019, pela então membro da banca avaliadora desta pesquisa.

Figura 13: Olympia Contemporânea



Fonte: Própria (2019)

²²Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV- UFPE/UFPB). Especialista em Arte Educação (UNICAP) e em Arquivo e Patrimônio Histórico Artístico e Cultural Integrado (UNIVERSO). Graduação na Licenciatura em Artes Visuais (UFPE). Professora efetiva do Ensino Fundamental da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes/PE. Professora Substituta de Artes do Colégio de Aplicação (UFPE). Professora Pesquisadora pela Capes da Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em Digitais (UAEADTEC/UFRPE). Experiência em Execução e tutoria virtual nas disciplinas de História da Arte, Metodologia Científica, Ensino das Artes em Mídias Digitais, Percepção Visual, Estética na graduação da Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em Digitais (UAEADTEC/UFRPE). Atua na área de Mediação Cultural, no planejamento de materiais e ações educativas, em Museus e Instituições Culturais. Foi bolsista do Programa de Aperfeiçoamento em Gestão Pública de Cultura (FUNDARPE/SECULT) de 2010 a 2012. Pesquisa os temas: Ensino das Artes Visuais na EAD, História do Ensino da Arte no Brasil, História do Ensino do Desenho no Brasil, Mediação Cultural e Expressão Plástica Infantil. **(Texto informado pelo autor).**

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leme, Flávia. **Mulheres Recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 238 p. ISBN 978-85-7983-118-8. <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 10/04/2019.
- ALMEIDA, J. S. de. **Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev., 1996.
- ARANHA, Carmen S. G.; OLIVEIRA, Alessandra Matias de. **Metodologias, Métodos e Formas interdisciplinares na pesquisa em arte**. In ARANHA, C.S.G. & CANTON, K. *Desenhos da Pesquisa: Novas Metodologias em Arte*. São Paulo: MAC USP, 2012.
- BARBOSA, Paulo.C; FONSECA, R. **Arte, Novas Tecnologias E Comunicação: Fenomenologia Da Contemporaneidade** - coordenação Paulo Cezar Barbosa Mello e Reinaldo Fonseca. São Paulo, SP - Brasil, 2010. 395 p. ISBN: 978-856-281-404-4 <<http://www.ciantec.net/books/CIANTEC2010.pdf>> Acesso em 10/04/2019.
- BARTHES, Roland. **A câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BUENO J., Padovani S. & Smythe K. C. A. S. **Representações gráficas de síntese (RGSs): proposta de um modelo de avaliação**. Revista Brasileira de Design da Informação/Revista Brasileira de Design da Informação . São Paulo, v. 14, n. 2, 2017, p. 187 – 203, Fonte: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/608>> Disponível em: 17/06/2019.
- BUTLER, J. (1990) **Gender Trouble: Feminism and The Subversion of Identity**. New York: Routledge.
- _____. (1993) **Bodies that matter: On the discursive limits of sex**. 1. ed. Nova York/Londres: Routledge.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilo de vida e cultura de consumo**. São Paulo: Annablume, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. 3.ed. Volume I: A Sociedade em Rede. São Paulo: Editora Paz e Terra S. A., 2000. 617p.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 247p.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente: O século XX**. Trad. Port. Com ver. Cient. Maria Helena da Cruz Coelho. Porto/São Paulo: Afrontamento/ Ebradil, 1990.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ÉSTES, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOUCAULT, M. (1979) **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal.

_____ (1987) **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes.

FURLANI, L.M.T. **Fruto proibido: um olhar sobre a mulher**. São paulo: livraria Pioneira Editora, c.1992.

GAY, Peter. **Modernismo. O fascínio da heresia**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIRLS, Guerilla. **Catálogo Guerrilla Girls**. MASP 1985-2017, Adriano Pedrosa. <<https://www.guerrillagirls.com>> Acesso em: 29/04/2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. tradução Renato Marques. – São Paulo: Globo, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê, 2001. 168 p.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KUBRUSLY, Claudio Araujo. **O que é Fotografia**. São Paulo; Editora Brasiliense, 1991.

LEMO, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção da (ciber) cultura. Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço.** Civitas Revista de Ciências Sociais, Vol. 9, Núm. 2, mayo-agosto, pp. 185-196, 2009.

LOPONTE, L. **Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis: UFSC, v. 10, n. 2, p. 283-300, ago.-dez. 2002. Disponível em: < goo.gl/dfdM3V >. Acesso em: 8 abril. 2019.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Rio de Janeiro: UFF, 1995

MEAD, G.H. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist.** Chicago: University of Chicago Press; 1972.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. **O Jornal: da Forma ao Sentido.** Brasília: Paralelo 15, 2002

OSTROWER, Fayga. **A Construção do Olhar,** In: O Olhar, Vários autores, São Paulo, Companhia.das Letras, 1988, p. 173.

PERSICHETTI, Simonetta. **Dos elfos aos selfies.** Comunicação: entretenimento e imagem / Dimas A. Künsch, Simonetta Persichetti, Organizadores. – São Paulo: Plêiade, 2013. 245 p.

PIZA, Mariana Vassallo. **O Fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica.** 2012. 48 f. Monografia apresentada a Universidade de Brasília para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

POLLOCK, Griselda. **“Modernity and the Spaces of Feminity.”** In: MIRZOEFF, Nicholas (ed.). Visual Culture Reader.

REBEL, Ernst. **Auto-retratos.** Tradução: Verónica Vilar, Lisboa. Taschen, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet.** Porto Alegre: Sulinas, 2009

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de pesquisa. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTAELLA, Lucia – **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas,** São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004.

SENNA, N.C. **A Imagem Da Mãe Pelas Artistas Plásticas Do Século Xx;** fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1268059050_ARQUIVO_Maternidade_FG9.pdf> Acesso em: 25/06/2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23^a ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 129-32.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SMITH, Kell. **Era uma Vez**. EP: Vagalume, Música é tudo; <<https://www.vagalume.com.br/kell-smith/era-uma-vez.html>>. Acesso em 16/05/2019.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Revisão da tradução: Leonardo Avritzer. Petrópolis: Vozes, 1998.

WANDERLEY, Andrea, C.T. **Cartões de Vista – Cartes de Visite**. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3873>>. 2006. Acesso em: 01/06/2019.

WARK, Jayne. **Radical Gestures: feminism and performance art in North America, 1970 to 2000**. Montreal: McGill, Queen's University Press, 2006.

APÊNDICE A – STORYTELLING

No apêndice apresento uma filmagem realizada e editada no aplicativo *InShot* para celular com sistema *android*, onde o material audiovisual foi produzido para incrementar a narrativa visual escolhida para esta monografia.

Segue o link: <https://youtu.be/-HMKYBmmCr4>